



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

Recebemos há pouco uma carta de um «leitor atento» que nos pergunta por que não escrevemos nada acerca do nome que a actual Pousada da Juventude tem, Pousada Foz do Cávado, bem como acerca da designação que o edifício das escolas Amorim Campos comporta:

Escola Profissional de Esposende. «Final é uma escola de Fão», termina.

Esta carta leva-nos a perguntar: por que é as coisas, os indivíduos, têm um nome? Por uma questão de ordem social, por uma questão de utilidade, por uma questão de domínio, de responsabilidade e de identidade. Por uma questão de economia também. Quando dizemos pera, por exemplo, queremos identificar todos os frutos de uma pereira. Quando utilizamos a expressão: «Joaquim venceu o Abel», sabemos imediatamente de quem se trata: quem venceu quem. A existência de nomes é, pois, uma questão vital para a humanidade.

Há os nomes que tem uma razão etimológica, há outros que apresentam uma razão científica, há ainda outros que se justificam por uma motivação onomatopaica; enfim, os nomes têm todos uma razão de ser.

Agora outra questão: por que motivo se deu este nome àquela pessoa, por que carga de água aquela empresa ou aquela instituição começou a chamar-se assim ou assado? Muitas vezes há uma explicação racional, em outras funciona uma motivação estética e em muitos casos é o mero capricho quem dita as leis.

No caso de organismos oficiais deve prevalecer a lógica que inclui o respeito e a consideração pelas terras.

Vejamos agora o caso ou casos que acima referimos: Em termos oficiais a Foz do Cávado situa-se em Esposende e daí a não aderência dos fangueiros a tal designação. Porém, rigorosamente falando, ou se se quiser, geométrica ou geograficamente falando, a foz é tanto de Esposende como de Fão. Com efeito, a margem direita do rio Cávado, desde a ponte até à foz, pertence a Esposende (os de Gandra que não venham lá com coisas), mas a margem esquerda, desde o Caldeirão até à foz, é sem dúvida terra fangueira. Não há dúvida que, a pensar assim, os responsáveis oficiais que criaram aquela etiqueta podem ser desculpados. Só que aquele local onde se levanta o edifício da pousada nem é foz nem sequer é estuário e os fangueiros conhecem-no pelo nome de Alameda de Bom Jesus. E por isso nos parece curial que a referida Pousada da Foz do Cávado deveria, sim, chamar-se Pousada do Bom Jesus.

Já não nos parece tão linear a designação «Escola Profissional de Esposende». À primeira vista deveria poder dizer-se Escola Profissional de Fão, como se diz Bombeiros Voluntário de Fão ou Escola Primária de Fão. Mas enquanto estas instituições tem um universo limitado que é a freguesia, a Escola de Hotelaria tem uma dimensão que se estende a todo o concelho que é o concelho de Esposende. Daí a sua designação actual.

Para se compreender melhor vamos supor que o Registo Civil, por qualquer caso de força maior, funcionava em Fão. Deveria dizer-se Registo Civil de Esposende ou Registo Civil de Fão? A nós parece-nos que a primeira nomeação é que estava certa. Esposende aqui é tomado em termos de concelho.

De onde se conclui — pelo menos é essa a nossa convicção — que os fangueiros só tem razão no caso da Pousada e estamos convicto que se a Junta traduzir esse sentimento ou esse mal-estar perante as autoridades, estas tudo farão para dar a César o que é de César.

PEDRAS QUE FALAM

Compromisso tomado, comigo é compromisso cumprido.

Mas, não julguem que é fácil: uma sucessão de dias salpicados de miríades de problemas, com a casa, essa tirana «a tirar-me do sério, o que fica para a crónica de «O Novo Fangueiro?» Muito pouco. É noite e eu tento, em vão, que aquela minha capacidade de brincar com palavras surja até eu adormecer...

Vou agora muitas vezes a Fão.

Quero acreditar que é mais uma curva do destino, só que, desta vez, o destino ou a parte que me cabe dele, está virado para a lua.

Ui! O peso que eu sempre trago comigo!

Mas vou tentar aliviar: entrego tudo nas Mãos de um Deus Maior.

De manhã, sempre que saio, olho para uma Santinha que se ergue na esquina do meu Bairro e, mesmo um tanto agnóstica, falo para ela e entrego-lhe as «minhas encomendas».

Até aqui, a «Santinha» tem cumprido...

Mas, amanhã, estarei em Fão e, com um bocadinho de sorte, verei alguém do meu álbum de recordações.

Mesmo Fão é, já por si, um Álbum.

Doirado e sombrio. Parado porque faz pensar.

Pensar e sorrir.

Talvez sonhar também.

Sonhar com este Outono, de beiradas cobertas de «despedidas de verão» — azuis e cor de rosa — essas florinhas despretenhiosas de que tanto gosto.

E os poentes rubros, tombados naquele mar azul?

E as gaivotas misturando-se com os patos do rio?

É Fão. Não precisarei de dizer mais nada, para não me enternecer mais.

Serei mesmo agnóstica?

Tenho tantas, tantas dúvidas!

Mas do que eu gostaria mesmo de acreditar era que o Deus Maior me vai dar todo o tempo do mundo para as minhas crónicas, para os meus bailados de palavras.

Faz o milagre depressa, que eu, quando olho o espelho, não reconheço mais a menina que se apaixonou por Fão há muito tempo!

Ou foi Fão que se apaixonou por mim?

Depois, calquei as anêmonas do prado.

Ou seria a vida?

MARIA SALOMÉ

DE ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

FORTE DA BARRA DO CÁVADO. APOIO AO TURISMO

A política de desenvolvimento e de apoio ao Turismo (a indústria do futuro, segundo os especialistas), continua em fase de adaptação às circunstâncias e à medida do avanço técnico. O viandante, cada vez mais exigente condições, boa qualidade — também paga principescamente — de modo à satisfação das suas necessidades que a sociedade moderna nos impõe.

O forte de S. João Baptista, o edifício militar e guardião da foz do Cávado no século XVII está predestinado à recuperação, a recuar no tempo, fazendo recordar a primitiva construção. No seu espaço interior um total aproveitamento em favor e apoio ao turismo. No entanto, para obra de tanta responsabilidade só um técnico de capacidade ilimitada, de bom gosto e profundo conhecedor desta região.

Num fugaz encontro com o Arq.º Pádua Ramos, fangueiro de alma e coração (nunca se negou ao título), exclamou com exuberância: «No Concelho de Esposende não há nenhuma obra de minha autoria, além da minha casa! Devo confessar que terei imenso gosto em fazer perpetuar a minha passagem por esta região, com uma obra que a nossa gente sinta e reconheça a minha admiração por Fão, por Esposende...» Porém, soube-se, sendo contactado para executar o projecto de recuperação do forte da barra do Cávado, ainda não dispõe de ideias, nem orientações. Por isso, disse: «Ainda não estudei seriamente qual o seu aproveitamento. Penso, talvez, numa pousada ou espaço lúdico, restaurante típico... Já se fala em museu do mar! Vamos a ver...»

O forte S. João Baptista ainda pertence à Direcção-Geral de Marinha e dos faróis e que virá, segundo informação recebida, a ser entregue à autarquia, em protocolo onde constarão as condições, nomeadamente, a recuperação e manutenção, dado que a operacionalidade dos serviços será integrada na rede nacional, dispensando a presença do homem.

Entretanto, a ENATUR e a Secretaria de Estado do Turismo, são entidades interessadas no projecto, com a finalidade de se obter equipamento capaz de proporcionar boa estadia aos turistas nacionais e estrangeiros.

O edifício, sendo fortificação militar, desempenhou papel de relevo nos séculos XVII e XVIII, de acordo com a descrição do Dr.

Bernardino Amândio, em publicação de 1982, «só no reinado de D. Pedro II a foz do Cávado vê edificar o seu forte, tendo como patrono S. João Baptista». Mas, «os alicerces foram mandados abrir em 1969, pelo Mestre de Campo de Engenheiro Vila Lobos... só concluído em 1704».

«O forte de Esposende, de planta em forma de estrela quadrilátera, compunha-se de cinco baluartes, saindo da cortina ocidental uma bateria avançada, semicircular, hoje arrasada, que vantajosamente defendia a barra de Esposende...». Ainda segundo a descrição referida, «em 1799, as tentativas feitas para desassoreamento do rio Cávado, na realização do projecto do Engenheiro Custódio de Vilas-Boas, foi utilizada grande quantidade de pedra do abandonado forte de S. João Baptista, sendo completamente demolidas as partes norte e leste e a muralha do oeste até meio da sapota».

Teve morte inglória, o forte, contribuindo para isso as invasões francesas e a morte do Engenheiro Custódios Vilas Boas.

PROJECTO INTERMUNICIPAL LIDER

A Câmara Municipal de Esposende integra uma associação intermunicipal de defesa e valorização económica da cultura local, candidata ao projecto LIDER com apoios de fundos comunitários.

Segundo informação do Executivo Municipal, outorgaram a escritura da associação intermunicipal, as Câmaras Municipais de Esposende, Vila do conde, Póvoa de Varzim e Matosinhos, cerimónia realizada em Vila do Conde.

Nos objectivos da associação, inclui-se a defesa do meio ambiente, entre outros, relacionados com o projecto LIDER. Por tais razões, de cada Município outorgante da escritura da nova associação, podem ser admitidas três entidades de cada um dos concelhos. No caso de Esposende, já aderiram a APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende), Cooperativa Agrícola de Esposende e a Região de Turismo do Alto Minho. Outras entidades poderão vir a integrar a associação.

O projecto assumido pelas autarquias a sul do Cávado tem o apoio dos fundos comunitários.

VISITA PASTORAL E SACRAMENTO DO CRISMA

A Confirmação ou Crisma é um dos sacramentos da iniciação cristã, através dos quais, Baptismo, Confirmação e Eucaristia, «são lançados os alicerces de toda a vida cristã».

Assim, «a Confirmação é como que o complemento do Baptismo que o crente devidamente preparado o recebe...» E, também, «o sacramento que o Bispo confere por ocasião da visita pastoral».

No próximo dia 23 de Outubro inicia-se a visita pastoral ao arceprelado de Esposende, extraordinária, sendo antes a primeira paróquia, seguindo-se Curvos, Belinho, Apúlia, Esposende, Fão, Fonte Boa, Forjães e Gandra, terminando a visita em 18 de Dezembro. As restantes paróquias recebem a visita e o Crisma em 1995.

Entretanto, os nossos conterrâneos ausentes no estrangeiro, só poderão receber o Sacramento se preparados e se estiverem presentes na respectiva paróquia, à data da visita pastoral.

SERÃO SÓCIO-CULTURAL EM POUSA

Turismo Rural e Museu de actividades gerais reuniu uma vintena de individualidades ligadas aos temas, incluindo jornalistas da Imprensa Regional que vão promover, certamente, a freguesia de Pousa, Barcelos.

O conde Sousa Dias, no intuito de valorizar a freguesia de Pousa e promover o turismo rural, o coleccionismo e a museologia, recebeu em sua casa de Brunhais uma vintena de individualidades do Minho e da Galiza, todas ligadas ao jornalismo, intelectuais interessados na divulgação de usos e costumes.

No decurso do serão outros temas foram abordados, além de poesia, incentivos à divulgação dos usos e costumes locais, com salvação da gastronomia tradicional e artesanato, entre outros valores patrimoniais.

«CAFÉ DO GALO» EM PALESTRA

Na Pop-Cave, Barcelos, abriu uma exposição de trabalhos a óleo do artista AFMACH sobre temas da cidade, incluindo o histórico Café do Galo. Sobre o seu polémico desaparecimento, proferiu uma palestra o Dr. Victor Pinho, director da Biblioteca Municipal.

Referiu à localização do Café do Galo, junto ao Senhor da Cruz e o ponto de encontro dos republicanos da época pois, a construção do café data de 1921, a sua polémica demolição, verificou-se em Setembro de 1962, por deliberação municipal. Motivo: falta de enquadramento pela proximidade do templo do Senhor da Cruz.

FALECIMENTO COMENDADOR DR. MANUEL QUEIRÓS DE FARIA

No dia 15 de Setembro faleceu na Casa de Saúde da Boavista, Porto, o comendador Dr. Manuel Queirós de Faria, casado, 77 anos, natural de Lama (Barcelos) e residente na Quinta da Seara, Palmeira, Esposende.

O ilustre extinto deixa viúva a Dr.ª D. Maria Fernanda de Queirós Faria. Era pai de Horácio Manuel, cirurgião no Hospital da Misericórdia de Fão, Paulo Manuel, Luís



Farol de Esposende e Forte da Barra

(Continua na pág. 4)

DE APÚLIA

QUESTÕES INTERNAS — Antes de mais, duas questões prévias. Primeira — as democracias funcionam com as maiorias, e as suas resoluções têm a força de Lei. Às minorias (oposições) resta a faculdade de discordar ou votar noutras direcções. Segunda questão — os eleitos locais, como tal, têm a obrigação moral de zelar, defender e promover os interesses das terras e das populações que os elegem.

A Assembleia de Freguesia (ordinária), realizada no dia 29 de Setembro, último, sem ter sido escaudante, foi muito participada e até um pouco polémica, como, aliás, se anunciava...

A grande questão, residia (e vai ainda residir por muito tempo) na cedência gratuita de terrenos para a construção de um bairro de casas, para alojar as famílias (dizem que entre 25 a 30), que vivem em «Cedovém», «Couve» e «Pedrinhas», e que vão ter de deixar as suas casas por efeito da demolição que se anuncia.

Se não se deve questionar a bondade e o alcance turístico de tal medida, também ela, a ser anunciada como eminente há anos, já o mesmo se não pode dizer da solução encontrada, em alguns casos lesiva dos direitos adquiridos e dos interesses materiais dos que sempre ali viveram, em alguns casos, legalmente.

Mas mesmo que os cidadãos moradores naquelas localidades não venham a ser prejudicados nos seus direitos e nos seus interesses materiais, não se sabe, certamente, se Apúlia o não será.

O local onde se vai construir essas habitações, é dos mais lindos (e apetecidos) de Apúlia, e por esse facto, de grande valor material.

Mas, e isso é um facto, a sua cedência foi feita com transparência, e foi aprovada por maioria, e em votação secreta. E assim, nada há a fazer. Factos são factos, e contra factos...

Resta apenas saber se todos os intervenientes que votaram essa resolução cumpriram efectivamente o dever de zelar, defender e promover os interesses da terra.

FUTEBOL — Não se pode dizer que o Apúlia tenha entrado com o pé direito nesta nova fase da sua já longa vida desportiva. Uma derrota (fora), e um empate (casa), com o Fão, um dos seus mais directos competidores a uma boa classificação, são resultados quase... normais.

Também não se pode, nesta altura exigir muito mais, a uma equipa que sofreu a perda de alguns dos seus melhores valores, e teve de mudar

de treinador, um handicape em qualquer circunstância.

O desafio com o Fão não teve história, a não ser aquela expulsão, insólita por ser na primeira jogada do desafio, e resultante de uma falta vulgar, mesmo para as novas regras em vigor.

De resto, como todos desejavam, foi um jogo limpo, e até com um resultado que agrada às duas partes.

FALECIMENTOS — Falecida em 29 do passado mês de Agosto, em França, veio a ser sepultada em Apúlia, a Senhora MARIA MARILIA GOMES FERREIRA, casada com o nosso conterrâneo — Ezequiel Veloso de Carvalho.

A extinta, natural de Rio Tinto, deste concelho, nasceu a 23 de Fevereiro de 1942, e era filha de Alexandre José Ferreira e de Olígia Oliveira Gomes, e tinha a sua residência no lugar de Criad.

— Na sua casa da Rua do Facho (lugar da Areia), faleceu depois de prolongada enfermidade em 17 de Setembro, último, a Senhora MARIA DIAS DA SILVA, nascida em 3 de Março de 1909. Era filha de António José da Silva e de Auxilia Dias de Almeida, e viúva de Manuel Martins Gonçalves Torres, falecido há meses.

A todos os familiares, enlutados, apresentamos o nosso cartão de pesar.

JOÃO GOMES MOREIRA (João Fé) — Era sacramental. Com o aproximar da abertura da caça, ele aí está. Simples, folgasão, baírrista. O JOÃO FÉ nem com os anos muda.

Veio acompanhado da esposa, e por pouco tempo. Mas o suficiente, certamente, para matar uns alguns «roedores» da «Ramalha», e apanhar alguns pintassilgos nos fieiros, para oferecer aos amigos.

Boa estadia entre nós, João, e boas caçadas... para contar no Brasil.

PESSIMISMO — O inverno, com todo o seu desconforto, está próximo. Já se nota no ar que se respira, no sol descolorido e sem chama que nos vai fugindo para o Sul, na diminuição dos dias, na aridez dos campos, e nas árvores despidas de folhas, que caem, cansadas e velhas.

Este inverno, dado o estado descarnado das nossas praias, deve ser particularmente temido pelos apulienses. O mar, mesmo a meia «maresia» vai entrar por ali dentro como faca em manteiga. Para isso temm, este ano, facilidades que nunca

teve. E o mar, todos o sabemos, é indomável; nada, nem ninguém o segura.

A gente engana-se muitas vezes na vida, e pode ser, (oxalá) que este seja mais uma vez. Porque são muitas as pessoas que o conhecem bem, que temem isso.

ÉPOCA DE CAÇA — A poucos dias da abertura geral de mais uma época venatória, o panorama cinegético em Apúlia, é desolador. Não se vê uma peça de caça. As perdizes e os coelhos são tão raros como os «arciprestes».

De nada valeu a repovoação feita nos montados de Norte e Sul da povoação. A doença e os predadores levaram tudo quanto havia para levar. E para isso muito tam contribuído a destruição dos valados de areia, que dantes delimitavam a propriedade como se fora muros, e que eram um dos seus principais habitats naturais.

Mas mesmo assim, com as licenças, as vacinas e os cartuchos mais caros, os caçadores estão sempre a aumentar. Ao contrário das espécies que estão sempre a diminuir.

CASAMENTO

No dia 25 de Setembro casaram-se em Fão os jovens Lara Filipa Martins Loureiro com José Manuel Gomes (Zico).

Seguiu-se um «copo de água» num restaurante de Vila Seca aos inúmeros convidados.

Ao jovem casal desejamos muitas felicidades.

DIA MUNDIAL DO IDOSO

A Câmara Municipal de Esposende comemorou condignamente, no dia 1 de Outubro, o Dia Mundial do Idoso, a que se associou o Serviço Sub Regional de Esposende.

As 14.30 horas houve recepção aos idosos no Salão Paroquial de Esposende seguido de um Espectáculo de Variedades com a participação do grupo «Velha Guarda» do Inatel e dos vários estabelecimentos de solidariedade social do concelho.

PIZZERIA – CREPERIA – GELATARIA

One Way

TAKE AWAY

- ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO
- ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE — TELEF. (053) 961566

FALECIMENTO

Ao fim de um doloroso período de sofrimento, faleceu no Hospital de Fão Ana Paula Ferreira Sá Pereira que tinha apenas 27 anos.

A doença que a vitimou era incurável. A Ana Paula ainda foi a Paris à Procura de melhores; esteve internada no IPO do Porto, mas tudo foi balde.

Sem dúvida que a sua doença, a pouca idade que tinha consternou grande parte da população local. A morte de alguém é sempre dolorosa, mas quando se é jovem custa muito mais.

A toda a família Sá Pereira a expressão do nosso pesar.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7567206

DE ESPOSENDE

(Continuado da pág. 2)

Manuel e de José Manuel recentemente falecido, em acidente de viação.

O Comendador Dr. Queirós de Faria era um conceituado cirurgião e sofria de doença incurável, de que veio a falecer. O seu funeral que se realizou para o cemitério de Agramonte, Porto, constituiu expressiva manifestação de pesar, em que se incorporaram entidades civis e religiosas de Forjães, Palmeira, Fão e Esposende, com representação de associações e autarquias, párocos e individualidades marcantes na sociedade, sendo sepultado em jazigo de família.

Em cerimónia nacional, o saudoso extinto fora agraciado com a Comenda da Ordem de Mérito, a proposta do Governo, decorria o ano de 1990.

Nascido na freguesia de Lama (Barcelos), ainda criança, Manuel Queirós de Faria é trazido para Forjães, onde veio a ser educado e aqui inicia a sua carreira. Empregado bancário, é colocado no Porto, entra para a Faculdade de Medicina, estudando de noite, obtendo a licenciatura, no ano de 1945. Inicia, então, a sua actividade clínica na Casa do Povo de Forjães, especializou-se em cirurgia, vindo a pertencer aos quadros da Casa de Saúde da Boavista, Porto. Passou pelo Hospital de Esposende, onde efectuou a primeira intervenção cirúrgica, em condições muito precárias valendo, entretanto, a suprir as carências, a benemerência de Marcelino de Queirós, ausente no Brasil, ao custear a obra de construção do bloco operatório. Mas, as actividades cirúrgicas estenderam-se a outras localidades: Arcos de Valdevez, Monção, Ponte de Lima e, finalmente, Fão, para além da Casa de saúde da Boavista de que era Director clínico. Apoiou instituições de carácter social e humanitário, de que nasceram: Lar de Santo António e o Instituto Materno-infantil, ambos em Forjães. Foi Director Clínico do Hospital da Misericórdia de Fão.

Sentimentos de muito pesar aos familiares, de «O Novo Fangueiro».

FORTE DE S. JOÃO BAPTISTA E FAROL, AS VEDETS DO PATRIMÓNIO

As jornadas europeias do património, em Esposende, visaram o paleolítico (período da pedra lascada), os monumentos fúnebres (megalitismo) entre outros que constituem o património cultural do Concelho: o Forte de S. João Baptista, na foz do Cávado e o farol de aviso à navegação.

O programa organizado pelos Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal teve início a 3 de Setembro, embora a nível nacional as jornadas abrissem em Lisboa no dia 11 de Setembro, enquadradas na Lisboa/94 Capital da Cultura, e vai prolongar-se até 18 de Outubro.

Entretanto e de acordo com o programa

distribuído, decorre no Museu Municipal a exposição «Do Paleolítico aos Nossos Dias» e sobre «O Património do Concelho: O forte de S. João Baptista e o farol de Esposende», ambas com peças de muito interesse histórico e, bem assim, bastante material de faróis que dizem bastante da sua evolução. Por isso, estiveram em evidência estes dois monumentos de Esposende.

A respeito das actividades programadas, disse-nos o Dr. Rui Cavalheiro Cunha: «A exposição tem tido uma grande afluência com o início das aulas e os alunos das várias Escolas que as visitaram têm oportunidade de apreciar os resultados. Queremos dar a oportunidade que todas as visitem e vamos encerrar a 18 de Outubro próximo».

Depois de esclarecer a forma como têm decorrido as jornadas (o melhor possível), sobretudo com o circuito megalítico de Vila Chã, em bicicleta de montanha, veio de encontro ao propósito de ser divulgado o vasto património concelhio e, disse: «Para o ano vamos continuar a divulgar as outras partes deste património. É que as pessoas, vão fora em passeios e dizem: Ai que lindo! E na terra têm muito disso, e muito mais, e não os visitam. A mensagem que deixo é que, as pessoas defendam o património existente e valorizem o que temos!».

Foram distribuídos imensos folhetos a divulgar e a localizar os monumentos e o património do Concelho que, recordamos, foi bastante noticiado e difundido, em tempos de que se destaca: cemitério medieval de Fão e o Facho da Bonança; arquitectura quinhentista, com fortes vestígios em diversos edifícios; civilização castreja, com monumentos fúnebres e menires, mamôas e os vestígios da passagem por Esposende de outros povos e outras culturas. Quantos esposendenses conhecem o nosso património cultural?

ARTUR L. COSTA

ENTRE NÓS

Demorou em Fão uns dias, após uma digressão turística pela Europa, o médico dr. António Morgado Azevedo, a residir habitualmente no Brasil.

Este jovem clínico pode dizer-se que voltou às raízes, pois os seus pais são António Gomes de Azevedo e Maria Teresa Morgado, naturais de Fão e radicados há vários anos no Brasil.

Esperamos que tenha gostado de estar entre os «seus» e da terra de seus familiares.

«SEMANA FANTASPORTO» Traz cinema a Esposende

Integrando o descentralizado programa de celebração do Centenário do Cinema, vai ter lugar, por iniciativa da Câmara Municipal de Esposende, entre 21 e 27 de Outubro, um ciclo de cinema denominado «Semana Fantaspporto» no Auditório Municipal de Esposende.

Assim, vão ser exibidos um conjunto de filmes que marcaram presença de qualidade em diversas edições do Festival Internacional de Cinema do Porto - Fantaspporto, todos eles de temática fantástica e de produção basicamente proveniente dos Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Programa — Dia 21, «O Navegador» - Vincent Ward (Nova Zelândia); dia 22, «A Casa Alucinante» - Steve Miner (EUA); dia 23, «A Fantástica Aventura de Bill e Ted» - Stephen Herek (EUA); dia 24, «Absolutamente Loucos» - Julien Temple (G.B.); dia 25, «Os Invasores de Marte» - Tobe Hooper (EUA); dia 26, «O Último Pesadelo em Elm Street» - Rachel Talalay (EUA); dia 27, «O Túmulo Vivo» - Ralph S. Singleton (EUA).

BOATOS

A Confraria do Bom Jesus publicou em «O Novo Fangueiro» n.º 123, de 10 de Agosto, um despacho do Conservador do Registo Predial de Esposende, onde, se faz a justificação da posse da Alameda e a aquisição por usucapião da aquisição do respectivo direito de propriedade na Conservatória do Registo Predial. Mais simplifadamente: resolveu registar em seu nome a Alameda do Bom Jesus.

Depois disso tem sido o fim do mundo em Fão. A Junta diz que o terreno lhe pertence. Carlos Mariz, que conhece o Arquivo da Confraria do Bom Jesus como ninguém, afirma numa crónica inserta em «O Novo Fangueiro» de 10 de Setembro, que a Comissão da Alameda fez a entrega em 27 de Novembro de 1903 da guarda e conservação da Alameda à Confraria do bom Jesus, transferindo para ela a sua posse. Ainda, segundo este nosso colaborador, a Câmara, em 4-8-922, respondendo a um ofício desta Irmandade, declarou que o terreno da Alameda era da sua (Confraria) jurisdição.

Entretanto propala-se na terra o boato de que a Confraria do Bom Jesus ia construir um muro para impedir o acesso à Alameda. Esta gente deve estar maluca. Também um grupo de senhoras (dizem-nos que da Comissão das Festas) se solidarizou com a Junta através de um abalxo-assinado. O parecer dos advogados não parece unívoco, as posições estremam-se, enfim, Fão ainda mexe.

Podem no entanto ficar todos sossegados: ninguém vai tirar a Alameda do seu sítio.

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

PÁGINA JOVEM

O ÚNICO AMOR

Olá, jovens! Já chegou o Outono, com as folhas douradas a caírem das árvores, com as primeiras chuvas e com aquele cheirinho com as castanhas assadas. Que o novo ano escolar tenha começado bem, são os nossos votos!

A TICA E OS SEUS BEBÉS

Por **ALTAMIRO MARQUES**

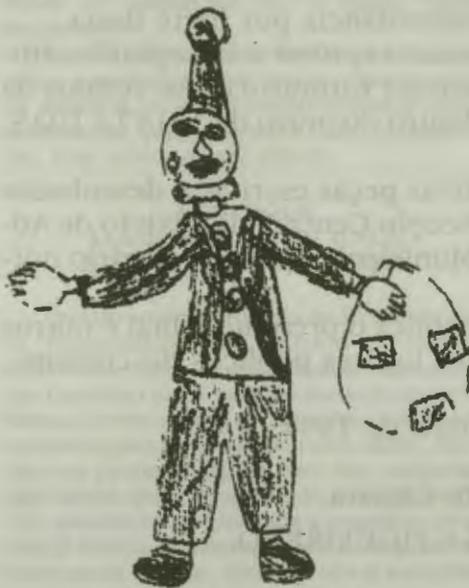
(Conclusão)

Chorou muito o Fernandinho a pensar na desgraça dos seus queridos peixes, até que o pai lhe lembrou os dois gatinhos, que estavam gordos e anafados e cada vez mais brincalhões. «Lembra-te» — disse-lhe o pai — «que nós estamos cá durante a semana e que a Tica tem agora mais duas bocas para alimentar! Ela não faz mais do que a sua obrigação de mãe, ao apanhar os teus peixes, pois os ratos, os pardais e as toupeiras não chegam para todos!» — E o pai acrescentou: — «Se a Tica não tivesse apanhado os peixes, os gatinhos não estariam tão gordinhos e felizes e é muito difícil, nesta vida, ter os proveitos ao mesmo tempo!»

O Fernandinho soluçava, já hesitante, olhando os gatinhos que brincavam com a cauda da mãe e vendo dois peixes vermelhos, atonados, gravemente feridos pelas unhas da Tica. E o pai finalmente disse: — «Está descansado, que eu vou mandar pôr uma rede à volta do lago, mas não fiques zangado com a gata!» «A vida é assim, uma luta cruel e permanente e tu deves-te lembrar das muitas abelhas incautas que o escalo comia e da alegria com que os peixes vermelhos devoravam vivas as minhocas, que tu próprio lhes davas!» O Fernandinho continuava a pensar, conforme o pai ia falando e lembrou-se de que cabrito assado era o seu prato favorito e que no entanto gostava muito de acariciar os cabritinhos, no campo. E finalmente o pai terminou dizendo: — «Os animais, quando são carnívoros, cumprem os desígnios de Deus e não podem ser considerados criminosos. Criminoso, sim, é o próprio Homem, que se não limita a matar para comer, fazendo-o por simples prazer, na caça, no tiro aos pombos, nas touradas, etc., e matando inclusivê o seu próprio semelhante, aos milhões e nas guerras, por puro ódio e ambição!» — «Sim» — continuou a desabafar o pai — «O Homem é que é o criminoso, pois despreza todos os restantes seres que existem neste planeta, também através de uma poluição incontrolável, que grassa por toda a parte e tudo destói!»

O Fernandinho foi ouvindo o pai, que continuava a culpar a humanidade, dizendo que esta até arranjava o argumento acomodatório de que os animais foram criados pelo Homem para seu serviço. O Fernandinho não percebeu lá muito bem o que queria dizer «acomodatório», porém perdoou os estragos causados pela Tica e jurou que havia de proteger sempre a Natureza, que embora aparentemente cruel, dá a todos os animais a oportunidade de viver.

FIM



Desenho de Joana Sílvia (5 anos)

PAUSA PARA SORRIR

Um sujeito muito distraído, está num grupo de amigos, no Café, a contar como escapou por pouco de ser atropelado, momentos antes, por um carro em excesso de velocidade.

— «Imaginem!» — exclama indignado. «Se eu não fugisse tão depressa para o passeio, vocês a esta hora estariam a falar com um cadáver!»...

Duas senhoras, ambas muito exigentes e autoritárias, estão sentadas, cada uma em sua mesa, a almoçar num restaurante.

A certa altura, uma chama o empregado, ordenando-lhe, muito alto:

— «Feche já aquela janela, senão morro de friol»

O empregado obedece, mas logo a outra grita:

— «Abra já a janela, senão morro abafada!»

O empregado não sabia que fazer. Abria janela, fechava janela, e não havia maneira de se resolver o assunto.

Até que um outro cliente, farto de esperar, e já impaciente, deu a solução:

«Abra a janela até uma das senhoras morrer de frio e depois feche-a até a outra morrer abafada, para ver se então podemos almoçar em paz!»

Lembro-me de ti ao ler estes poemas que outro escreveu.

*Sím,
ao ler estes poemas que outro escreveu
lembro-me de ti.*

*Recordo as tuas feições familiares
E as duras linhas do teu corpo.*

*Tenbo na memória gravada
A imagem dos teus olhos meigos e tímidos,
E dos teus lábios perfeltos e invulgares
A abrirem-se para sorrir
Ou para me dizer coisas
Que faziam os meus lábios sorrir
E te tornavam tão especial.*

*E observo-te, de longe,
E procuro nos teus olhos
A esperança do reencontro.*

*Revejo os teus gestos de carinho para
comigo,
E sinto uma grande ternura.*

*Podia dar-te este poema,
Mas prefiro recordar-te,
E esperar pelo dia
Em que o sol brilhará
Nos teus olhos
E possamos conversar.*

*E fico revoltada,
Reprimindo lágrimas de raiva e saudade,
ou chorando-as dolorosamente,
quando penso que foi a distância que nos
perdeu.*

Marta Mariz Mendes (15 anos)

VIVER

*Tanto vale «com» ou «sem».
O que importa é «ser».
Onde? E quando?
O importante é «acontecer».*

*Ter ou não ter — não importa.
Viver é o essencial.
O sonho é para todos
Necessidade fundamental.*

*E, para que a vida não nos surpreenda,
Basta vivê-la com calma e atenção.
Seres tu mesmo é o ideal
Para viveres com o coração!*

Cristina Alves

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que se encontra, para os efeitos previstos no art.º 118.º do Código do Procedimento Administrativo, em apreciação pública, a alteração parcial ao Plano de Pormenor da Zona Centro da cidade de Esposende, presente à reunião da Câmara Municipal de 23 de Setembro de 1994 e que mereceu concordância por parte desta.

Qualquer cidadão pode sobre a mesma exprimir a sua opinião crítica e formular sugestões, as quais devem ser formuladas nos termos da disposição acima citada, por escrito, dentro do prazo de TRINTA DIAS, a contar da data do presente aviso.

A proposta de alteração e respectivas peças escritas e desenhadas encontram-se patentes ao público na Secção Central, da Divisão de Administração e Finanças desta Câmara Municipal, durante o horário normal de expediente.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município, 27 de Setembro de 1994.

O Presidente da Câmara,
ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que se encontra, para os efeitos previstos no art.º 118.º do Código do Procedimento Administrativo, em apreciação pública, a alteração parcial ao Plano de Pormenor da Zona Norte da cidade de Esposende, presente à reunião da Câmara Municipal de 16 de Junho de 1994 e que mereceu concordância por parte desta.

Qualquer cidadão pode sobre a mesma exprimir a sua opinião crítica e formular sugestões, as quais devem ser formuladas nos termos da disposição acima citada, por escrito, dentro do prazo de TRINTA DIAS, a contar da data da publicação do presente aviso.

A proposta de alteração e respectivas peças escritas e desenhadas encontram-se patentes ao público na Secção Central, da Divisão de Administração e Finanças desta Câmara Municipal, durante o horário normal de expediente.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município, 26 de Setembro de 1994.

O Presidente da Câmara,
ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO

«COMBUSTÍVEIS NASCIMENTO, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º DE MATRÍCULA 0062 — N.º DE INSCRIÇÃO 1 — NÚMERO E DATA DE APRESENTAÇÃO
31 DE 94/09/16

MANUEL JOSÉ PALMEIRA BARREIRA, 1.º AJUDANTE, CERTIFICO que entre ADRIANO DE FARIA NASCIMENTO e mulher MARIA ALICE CARVALHO VILAS BOAS NASCIMENTO, casados na comunhão de adquiridos, residentes na Avenida Sousa Martins, Ofir, Fão, Esposende — foi constituída a sociedade em epígrafe — que se rege pelo seguinte contrato.

ART.º 1.º — A sociedade adopta a firma «COMBUSTÍVEIS NASCIMENTO, LDA.», e tem a sua sede na Avenida Sousa Martins, Ofir, freguesia de Fão, deste concelho;

ART.º 2.º — O objecto social consiste no comércio e retalho de combustíveis seus derivados, acessórios de automóveis e prestação de serviços, compra e venda de automóveis e seus acessórios.

ART.º 3.º — O capital social integralmente subscrito e realizado é de quatro milhões e seiscentos mil escudos e corresponde à soma de duas quotas uma de quatro milhões cento e quarenta mil escudos, pertencente ao sócio Adriano de Faria Nascimento e outra de quatrocentos e sessenta mil escudos pertencente à sócia Maria Alice Carvalho Vilas Boas Nascimento.

ART.º 4.º — A gerência da sociedade, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, bastando a assinatura de qualquer um deles para vincular a sociedade.

ART.º 5.º — A cessão ou divisão de quotas entre sócios é livre, porém a favor de estranhos carece do consentimento da sociedade.

A gerência da sociedade, fica desde já autorizada a efectuar o levantamento do capital depositado, para aquisição de equipamento.

Adverti os outorgantes da obrigatoriedade de requererem no prazo de três meses o registo deste acto.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
NUMERADA DE FOLHAS UMA A DUAS.

ESPOSENDE, vinte um de Setembro de mil novecentos e noventa e quatro.

O 1.º AJUDANTE,
a) Manuel José Palmeira Barreira



**BOLETIM INFORMATIVO
NR. 006**

SETEMBRO 1994

REPARO

Atentos como devemos estar sempre a todos os órgãos de Comunicação Social, quer nacionais, quer regionais ou concelhios, verificamos com alguma satisfação que os nossos escritos não passam despercebidos, pelos menos, nos jornais da vizinha cidade de Esposende.

Vem isto a propósito de uma notícia inserida no jornal «Farol de Esposende» na sua última edição, sobre o nosso Boletim n.º 005, assinada por A. Peixoto, correspondente em Fão desse mesmo jornal.

Depois de lermos com atenção o referido comentário sobre o nosso Boletim, gostaríamos de chamar a especial atenção do Sr. correspondente para o seguinte facto:

Não existe, ao que sabemos, nenhum contencioso ou mal-entendido com a Junta de Freguesia e o nosso Movimento, para que tivéssemos que recorrer aos ditos para solucionar qualquer problema existente.

Supomos que se referiria aos acontecimentos aquando do bendito baile de 27/8 e, que nós saibamos, a Junta de Freguesia não tem interferência na gestão ou direcção da Associação dos B. V. de Fão, mesmo, como neste caso específico, sendo as mesmíssimas pessoas que desempenham tão prestigiantes cargos.

Não queremos acreditar que as pessoas em causa não saibam separar as suas funções específicas em cada um dos casos. Atropelá-riamos as nossas próprias convicções e disso não queremos nunca ser acusados.

De qualquer forma, isto é apenas um pequeno reparo para que sejamos bem interpretados. Mais satisfeitos ficaríamos se o sr. correspondente também tivesse um pouco de tempo para ajudar com alguns escritos, e tem capacidades para isso, no sentido de poder chamar a atenção sobre o desenvolvimento que Fão vai necessitando.

O PARTO

Finalmente, antes tarde do que nunca, começaram as obras da primeira fase do famigerado Pavilhão Gimnodesportivo. Congratulamo-nos com este início de obras e esperamos que agora não parem. Falamos obviamente desta primeira fase. Não sabemos quantas fases tem o projecto, poucas seria óptimo, mas não queremos nós, nem a população seguramente, que estas obras levem anos. A ver vamos, e cá estaremos para dar notícias sobre o seu andamento.

Esta é efectivamente uma obra de vulto para Fão e as suas gentes, especialmente os

mais jovens, pelo que daqui saudamos os seus mentores. Não ficar-lhes-á grato.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Realizou-se no passado dia 30 de Setembro a reunião ordinária da Assembleia de Freguesia no terceiro trimestre.

Segundo a ordem de trabalhos «assuntos de interesse para a vila» decorreram com a maior lisura os trabalhos desta Assembleia, desfalcada de todos os elementos eleitos pelo CDS, que justificaram a sua ausência ao sr. Presidente da Assembleia.

Registamos com grado o aumento de pessoas interessadas por Fão, pois desta vez o número de assistentes foi o maior desta legislatura.

Depois de duas horas de franco debate de ideias e projectos, poderemos resumir a três os assuntos verdadeiramente tratados nesta Assembleia, que passamos a citar e a comentar, sem ordem de prioridade:

ECOLOGIA

**ALAMEDA DO BOM JESUS
MOV. CIVICO FANGUEIRO**

Quanto ao primeiro assunto levantado pelo representante do Partido Socialista, teceram-se várias considerações e notamos um fatalismo usual para tão melindroso problema. Dever-se-iam dar as mãos, todos em conjunto para resolver esta calamidade. Apenas um pequeno reparo para um assistente que achou que a chamada de atenção sobre este assunto não vinha nada a propósito pois isso já existia há muito tempo e ninguém se interessava por ele. Ora isso não é verdade, pois sabemos que de tempos em tempos, essa questão é afluída, mas, e aí o fatalismo, não se consegue resolver. Não viria a propósito pois se calhar era preciso chamar a atenção dos nossos autarcas, o que, para alguns, é sinónimo de perseguição política.

Noutras localidades as populações, encaçadas pelos seus autarcas, lutam arduamente contra instalações de lixeiras de resíduos industriais e não só, e nós em Fão aceitamos pacificamente a poluição do nosso rio.

Quem estiver de boa-fé neste assunto nunca vai julgar inconveniente esta chamada de atenção. Mais a mais o sr. Presidente da Junta de Freguesia assegurou que tem feito tudo o que lhe é possível para tratar deste assunto, embora reconhecendo que não tem tido muito sucesso junto de outras entidades. Mas não é baixando os braços que vamos resolver a contento esta fatalidade, pois quando há necessidade de aglutinar toda a população em torno de algum problema, temos já constatado que a nossa Junta de Freguesia tem conseguido e bem esse desiderato. O que é necessário é boa vontade. E por aqui ficamos em relação a Ecologia.

No segundo assunto versado (Alameda) a presença do Exmo. Sr. Padre Vilar, pároco desta vila, veio com a sua intervenção esclarecer claramente qual a posição da Confraria do Bom Jesus neste assunto. Ou seja, dizia-se à boca cheia que a confraria queria registar o terreno da Alameda para depois da legalização efectuada, vedar o acesso da mesma ao público. O Sr. Padre na sua intervenção assegurou claramente que nunca foi intenção da Confraria o fecho ao público, da referida Alameda, mas tão só a legalização dos terrenos como havia feito em relação aos terrenos da Bonança, o que não veio a suscitar qualquer entrave da Junta de Freguesia, que, neste caso agiu com uma impugnação, afirmando estar a zelar pelos interesses de todos. Não

duvidamos disso mas em dois casos semelhantes, para lhes não chamar iguais, houve dois pesos e duas medidas diametralmente opostas. Porquê?

Não imputamos qualquer responsabilidade à Junta de Freguesia na abertura de um abaixo-assinado para contestar esta legalização mas, por outro lado, só foram contactadas determinadas pessoas para o assinar, o que se lamenta, pois toda a população deveria ser ouvida e não só uma pequena parte escolhida a dedo para se poder ter a certeza que assinavam.

Gostaríamos de que não se iniciasse um processo judicial entre a nossa Junta e a Confraria do Senhor do Bom Jesus, sobre a posse da referida Alameda, que ao fim e ao cabo nunca deixa de pertencer a Fão.

No terceiro ponto e em relação ao M.C.F. e ao seu Boletim Informativo n.º 005, não achamos que fosse um assunto de primordial interesse para ser discutido na Assembleia de Freguesia. Dever-nos-íamos sentir lisonjados pela importância que afinal nos dão, mas o nosso sentido da responsabilidade nos actos que produzimos leva-nos a saber ocupar com dignidade o espaço que alcançamos por direito próprio.

A CASA DO MINHO

ÓRGÃOS SOCIAIS, ELEITOS EM 22.SET.94

1. *Assembleia Geral* — Presidente - Dr. Nuno Lima de Carvalho; Vice-Presidente - Coronel Alexandre da Costa Coutinho e Lima; 1.º Secretário - Dr. João Amândio da Silva Reis Ribeiro; 2.º Secretário - Gil Costa Malheiro.

2. *Direcção* — Presidente - D. M.ª Fernanda C. Freitas de Sousa e Castro; Vice-Presidente - Francisco de Passos Vieira; Secretário - Coronel João Augusto Fernandes Bastos; Tesoureiro - Joaquim Paulo Barreiro Duque; 1.º Vogal - Eng. Ruben António Ferreira de Agonia Pereira; 2.º Vogal - Basílio António Dias Moreira; 3.º Vogal - Augusto Caldas da Silva.

3. *Conselho Fiscal* — Presidente - Dr. José Joaquim de Xavier Ferreira; Relator - António José Couto Guerreiro; Vogal - Manuel Domingos da Cunha.

4. *Comissão Central do Conselho Regional* — Dr. Orlando Martins Capitão; Dr. Jorge Cruz; Dr. Manuel de Oliveira; Dr. Rui Alberto Tinoco de Abreu de Lima; Eng. Alfredo Joaquim Ribeiro Santos Lima.



SOBRE UM NOVO LIVRO DE BERNARDINO AMÂNDIO

Publicou recentemente Bernardino Amândio um livro intitulado «O Engenheiro Custódio José de Vilas Boas — E os portos de mar de Esposende em 1795 e Viana em 1805». A figura do eng. Custódio Vilas Boas já era nossa conhecida através de alguns artigos escritos precisamente pelo mesmo autor há já umas dezenas de anos no jornal O Cávado e do livro «O Engenheiro José Gomes de Vilas Boas e o porto de mar de Esposende em 1800», igualmente da autoria de Bernardino Amândio.

E ficámos a partir daí a admirar este insigne técnico militar, tanto mais que o seu nome ficou ligado definitivamente à nossa terra através do Cais (do Antonino Borda) que ele projectou e cujas obras superiormente dirigiu. Anos mais tarde, ao consultarmos o livro de Arnaldo Gama, «O Sargento-Mor de Vilar», foi com espanto e horror que lemos as circunstâncias trágicas em que ocorreu a sua morte: chacinado em Braga em 1809 pela população enfurecida sob a suspeita de traidor na altura em que Sout, general de Napoleão, invadia aquela cidade, ele que tinha sido nomeado Quartel Mestre General de Bernardino Freire de Andrade.

O livro de Bernardino Amândio incide a sua maior focagem sobre o «notável Engenheiro militar e hidráulico» que foi Custódio José Gomes de Vilas Boas. Desfaz a propósito o equívoco criado por Teotónio Fonseca. «Esposende e o seu Concelho», em que este confunde o Custódio José Gomes de Vilas Boas com o Brigadeiro de Artilharia Custódio Gomes de Vilas Boas, seu tio, que foi lente jubilado e Governador militar de Praça de Valença. Dizemos «desfaz» e dizemos bem porque Bernardino Amândio no seu livro submete ao rigor da investigação histórica aquilo a que poderíamos chamar a arte histórica.

Efectivamente a ciência histórica não é como as demais ciências que manipulam ou contactam directamente os factos. O físico provoca os factos físicos e estuda-os em presença dos mesmos. Os químicos, idem, aspas. Já os factos históricos, uma vez que a História é a ciência do passado, só podem ser estudados indirectamente através dos seus testemunhos que são os documentos. Ora o mérito de Bernardino Amândio assenta na excelência do acervo dos documentos, alguns deles inéditos que almeja coligir para fundamentar a narrativa dos acontecimentos ou quaisquer teses que deseje defender.

Se algum defeito poderíamos encontrar nesta sua obra é precisamente a abundância documental que quase submerge a narração em meio de tantas anotações o que paradoxalmente constitui um elogio para o historiador que Bernardino Amândio se preza de ser.

Para o amante de história local esta obra lê-se quase de um fôlego. Foi o que aconteceu connosco que perfurámos uma longa noite até chegarmos ao fim.

Entendemos, por outro lado, que a sua leitura constitui o modo de honrarmos a memó-

A VERDADE

Ex.mo Senhor Director,

O último número do jornal «O Novo Fanguero» apresenta uma página da responsabilidade do «Movimento Cívico Fanguero», entidade sem personalidade jurídica aparecida após o último acto eleitoral para os órgãos Autárquicos, onde são proferidas expressões ofensivas do bom nome dos Directores e Comando desta Associação Benemérita.

O artigo intitulado «O Baile da Vergonha», apresenta também alguns comentários de vertente político-partidária, que evidenciam ao leitor a natureza existencial daquele Movimento, confundindo na prática o papel que Directores e Comando desenvolvem nesta Associação há longos anos, com gestão autárquica da nossa Vila que alguns deles acumulam.

Não pretende esta Direcção comentar comportamentos políticos do citado Movimento por tal não se inserir nos princípios estatutários da Associação.

No entanto, não pode ficar indiferente a estratégias pessoais que colidem com a dignidade e o bom nome dos seus Corpos Dirigentes.

Não compreendemos ainda hoje nem vislumbramos razões para tanta agressividade, por maior que seja a frustração pessoal por um insucesso organizativo.

O sucesso de um grupo de trabalho e das iniciativas que pretendem levar adiante, tem por base alguns factores importantes como o trabalho, o sacrifício pessoal, a confiança que transmitem e a liderança.

Por vezes, perante um insucesso, sentimos reacções instintivas e naturais e é frequente a inclinação para a procura nos outros das razões do nosso próprio desaire.

ria de um renomado técnico como foi Custódio José de Vilas Boas o homem que construiu o cais de Esposende, o cais de Fão, o marachão do Caldeirão, o cais do Bilhano, o paredão do Marachão e concebeu ou antevisionou um cais que ía do Cortinhal ao Caldeirão, obras a que chamamos preliminares para encanamento do rio Cávado na parte final do seu percurso.

A obra de Bernardino Amândio encontra-se à venda na Livraria Cávado em Esposende. A apresentação do livro será feita em 21 deste mês, pelas 18 horas, no Museu Municipal de Viana do Castelo pelo dr. Luis de Oliveira Ramos, antigo reitor da Universidade do Porto.

No entanto, não pode uma Instituição como os Bombeiros, ver-se fustigada pelo descontrolo emocional de quem quer que seja, transmitindo para o público leitor, sediado em áreas geográficas diversas, uma imagem intencionalmente deturpada, de uma Associação que se desenvolve no dia a dia com o espírito de melhor servir.

A intenção manifesta pelos responsáveis do Movimento Cívico em colaborar economicamente com os Bombeiros através de um Programa de Verão com iniciativas contínuas em fim de semana foi muito bem aceite. Mas até hoje apenas contabilizamos uma, sem qualquer explicação mínima para o insucesso do Plano.

Disponibilizamos as instalações do Novo Quartel, de conformidade com o que nos foi solicitado, para a realização de um baile a favor dos Bombeiros, nada faltando a não ser os utentes pagantes.

Não disponibilizamos o veículo de desencarceramento para andar pelas ruas a publicitar o baile, pela necessidade de o mesmo estar permanentemente no Quartel, de presença, dado que decorria no concelho uma prova de automobilismo de nível nacional.

De referir que no Quartel estiveram presentes um Director e Elementos do Corpo Activo e Comando, estando outros a colaborar na Tómbola que funcionava à noite.

As razões de um insucesso na organização de um baile de benemerência, que parece ter enchido de vergonha o autor ou autores do artigo em questão, deverão servir de reflexão profunda a quem pretende intervir socialmente.

No entanto, os comportamentos têm que ser socialmente medidos e quem quer que seja, deverá assumir as consequências pela ofensa intencional e disso sabemos o que temos a fazer.

Não pretendemos neste local, alimentar o desiderato.

No entanto, não poderíamos deixar de referir que as portas do Nosso Quartel, as principais, mesmo que laterais, estarão sempre abertas a qualquer iniciativa que contribua para o prestígio da nossa terra.

A Direcção

José Artur Saraiva Marinbo
(O Presidente)

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumetro caseiro

Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

PIZZERIA — CREPERIA — GELATARIA

One Way

TAKE AWAY — ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO — ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 B/C Esp. Trás • 4740 ESPOSENDE — TEL. (053) 961566

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



ALHO FRANCÊS

(*Allium porrum* L.)

«Bleu de Solaise», de folhagem azulada, tornando-se violácea após os primeiros frios, pé grosso e curto, excelente para Inverno, muito resistente: «De Saint Victor», melhoramento da anterior, pé mais longo e mais grosso.

Clima e Solo — O alho francês é uma espécie de climas temperados e húmidos, sendo nestas condições que produz maiores rendimentos. No nosso país podemos praticamente colhê-lo todo o ano, se fizermos sementeiras escalonadas e utilizarmos as variedades que melhor se adaptem às diferentes estações do ano.

Quanto a solos, desenvolvem-se bem em quase todos; prefere, no entanto, os bem mobilizados, frescos, ricos e um pouco ácidos — até pH 6,3. São-lhe favoráveis os solos de aluvião e os húmidos e desvantajosos os calcários.

Fertilização — Esta espécie é esgotante e convém aplicar-lhe boas estrumeações, no ano precedente à cultura: é muito ávida de húmus e

adubos azotados, sendo vantajoso juntar às adubações habituais de Outono, 5 quilos de superfosfato de cálcio a 18% e 2 a 3 quilos de sulfato de potássio por are. No começo da vegetação deve fornecer-lhe em cobertura, 3 a 4 quilos de nitrato de sódios, distribuído por duas vezes. No decurso do crescimento uma a duas regas com purim diluído dão excelentes resultados.

Sementeira — As primeiras sementeiras começam-se em fins de Janeiro, ou em princípios de Fevereiro se tivermos um abrigo ou um estufim em que se possa manter uma temperatura de cerca de 12,5° centígrados. A partir de Março a sementeira pode fazer-se ao ar livre, em viveiro com uma boa exposição e com terreno bem mobilizado. Semeia-se a lanço ou em linhas distantes de 5 a 10 centímetros umas das outras. São precisos 10 a 15 gramas de semente por metro quadrado. As sementes enterram-se com um ancinho, e depois, cala-se bem o terreno. Se a humidade for a conveniente as sementes germinam entre 15 a 20 dias depois da sementeira. Não convém semear muito baixo para que as plantas ao nascerem tenham ar e luz suficientes para se desenvolverem. Sendo necessário, faz-se um desbaste e uma monta. Não se devem esquecer as regas se o tempo se apresentar seco. Cerca de dois meses a dois meses e meio depois, quando a planta atinja a grossura de um lápis, é a boa altura de ser transplantada.

Transplantação — O terreno, onde de irão colocar as plantas, deve ter sido estrumado com antecedência, trabalhado ligeiramente cerca de 15 dias antes da transplantação e, logo a seguir, gradado.

Faz-se usualmente, para o alho francês o mesmo que para a cebola, isto é, cortam-se as pontas das raízes e das folhas antes da transplantação. Esta fez-se traçando linhas distantes de 40 a 50 centímetros, onde se colocam as plantas à distância de 10 a 20 centímetros. Faz-se depois uma pequena amontoa em volta de cada pé mas, sem calcar, o que prejudicaria a planta. A rega depois da trans-

plantação encarrega-se de fazer aderir a terra às raízes.

Cuidados Culturais — Durante esta cultura são necessárias as competentes sachas e mondas para manter o terreno limpo de ervas. As regas são também necessárias durante o tempo seco, como as chuvas, as regas e as sachas vão pouco a pouco, nivelando o terreno, é conveniente voltar a fazer uma amontoa para se obter o branqueamento.

As regas com adubos líquidos são de aconselhar durante o crescimento das plantas e convém efectuá-las em tempo coberto e húmido.

Colheita — A colheita é feita logo que as plantas atinjam o tamanho conveniente, conforme a variedade. É feita à mão, aliviando a terra primeiro com a enxada ou o ancinho, ou então com arrancadores mecânicos se a cultura for extensiva.

Doenças e Pragas — As doenças que atacam o alho francês são praticamente as mesmas que atacam a cebola, embora muito mais raramente. A mais comum, é provocada por um fungo (*Pruccinia porri* Wint) e trata-se com caldas cúpricas. Este tratamento, no entanto, deve ser feito só quando as plantas são jovens, devendo evitar-se, quando as plantas estão já adiantadas e prestes a serem consumidas, pois que os depósitos das caldas são venenosos.

A ERVILHA

BOTÂNICA E FILOSOFIA

Pertence à família das Leguminosas e tem o nome botânico de «*Pisum sativum*». É uma planta herbácea e anual. Os caules são trepadores e de secção angulosa. As folhas, constituídas por pares de folíolos, terminam por gavinhas que possuem a propriedade de se agarrar aos tutores que encontram. As vagens têm 5 a 10 centímetros de comprimento e no seu interior contêm em geral 4 a 10 sementes.

(Continua no próximo número)

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

O Clube de Futebol de Fão, iniciou a época 94-95 com o pé direito.

Nas duas provas da Associação de Futebol de Braga, que disputa, os resultados foram muito positivos. Na Taça, após duas eliminatórias, mantém-se em prova, tendo eliminado respectivamente o Pousa, com um concludente 5-1 e o Forjães por 2-1, duas equipas da 1.ª Divisão Regional, portanto um escalão inferior da equipa fangueira. Mas, em jogos de Taça acontecem muitas resultados surpreendentes, e, no primeiro jogo, quem esteve no campo Artur Sobral, não ficou com dúvidas quanto à supremacia do grupo fãozense.

No segundo jogo, o caso já mudou de figura, o Forjães transportou para este jogo, muito mais que o Fão, a rivalidade existente entre equipas do concelho, mas por vezes essa rivalidade é exagerada e o que muitos julgam tratar-se de virilidade não passa de violência, e, com a cumplicidade do árbitro do jogo, o Fão acabou por ser prejudicado, mas, com maior ou menor dificuldades, o conjunto fangueiro confirmou o seu favoritismo juntando a isto a sorte do sorteio que ditou a realização dos jogos em Fão.

Quanto ao campeonato da Divisão de Honra, que, pela primeira vez se disputa na Associação de Futebol de Braga, a nossa equipa não podia ter começado melhor com uma vitória por 1 a 0 perante o Esporões, um adversário muito difícil de levar de vencida, com um guarda-redes excepcional, pelo menos nesta partida, ajudando a sua equipa, e de que maneira, a impedir que os fangueiros chegassem ao final da partida com um resultado mais dilatado.

Dois pontos conquistado no primeiro jogo de um campeonato que se espera muito di-

fícil, não é caso para embandeirar em arco, mas que foi um grande incentivo para os jogadores e uma motivação muito forte para o segundo jogo da prova no campo dos sarga-ceiros em Apúlia, lá isso foi, e, no final do jogo com o Apúlia, o resultado de zero a zero foi lisonjeiro para os nossos vizinhos, pois sem bairrismo afirmámos que se a sorte ditasse um vencedor justo neste prélio teria que ser o Clube Futebol de Fão. Mas, perante um adversário tão difícil, que jogava no seu recinto, conquistar-lhe um preciso ponto já foi motivo de muita satisfação para muitos fangueiros que se deslocaram a Apúlia, apesar da contrariedade de assistirem à expulsão de um seu jogador, de parceria com outro do clube adversário.

Apesar da grande tensão que existe sempre nestes encontros, de muita rivalidade, este episódio não provocou nenhuma efervescência no desfecho desta partida. Ainda bem que que os pequenos sabem dar o exemplo.

Neste período o conjunto fangueiro foi composto pelos seguintes jogadores: Zé Maria, Alexandre, Valdemar (ex-Vila Chã), Pedro, Agra, Daniel, Gonçalo, Tiago, Paquete (ex-M. Cavaleiros), Sousa (ex-Marinhas), Didi, Pinheiral, Domingos (ex-Pousa), Vítor, Mateus (ex-Gandra) e Paulo.

Marcaram os golos: Tiago (3), Valdemar (2), Sousa (1), Pedro (1) e Domingos (1).

CANOAGEM

No Campeonato do Mundo de Pista, que decorreu na cidade do México, a Selecção Nacional obteve os resultados mais significativos através da prestação dos seguintes atletas.

Em K2, 1000 m - final — 5.º lugar por Belmiro Penetra (Náutico de Fão) e Joaquim Queirós (Amarante), os mesmos canoístas, na final dos 200 m, ficaram em 8.º lugar. Em K1, 500 m - final — 5.º lugar para Rui Fernandes (Náutico Prado) e António Monteiro (Águeda), em K1, 200 m, obteve o 7.º lugar, incluindo as várias provas que tiveram que disputar até chegarem às finais.

A participação dos atletas portugueses foi muito positiva e particularmente a do nosso campeão Belmiro Penetra.

1.ª PAGAIADAS

Como vem sendo habitual, nos últimos anos, e com o apoio da Direcção Geral de Desportos, o Clube Náutico de Fão incentiva os jovens para a prática desta modalidade desportiva, o chamamento dos miúdos para esta actividade é feito no momento mais propício, período de férias grandes de Verão, tempo ideal para desporto no rio, e os juvenzinhos fangueiros vão aparecendo cheios de boa vontade, não na quantidade que naturalmente queríamos os responsáveis, mas o suficiente para transformarem o Posto Náutico numa escola.

Conforme as idades, são escalonados nas respectivas cate-

gorias e assim diariamente, os *Cadetes*: Alberto Couto, Mário Lima e Paulo Pereira. Os *Infantis*: Igor do Vale, Filipe Lorangeira, Vítor Fonseca, Diogo Cardoso e Filipe Silva, e os *Mendres*: Alexandre Sá, André Cardoso e José Rui Ribeiro, treinaram afincadamente para nas provas que tinham que disputar, organizadas pela Associação de Canoagem de Braga, em Ponte de Lima, Rio Neiva, Arcos de Valdevez e Barca do Lago, obterem resultados suficientes que lhes permitisse estar presentes, na prova Nacional que se realizou no Seixal.

Não vamos referenciar o *cadete* Alberto Couto por ter obtido o melhor resultado do Seixal, o 2.º lugar na sua categoria, claro que para o atleta isso foi muito significativo, mas sim porque ele e o Mário Lima são naturais das Marinhas, o Futebol Clube das Marinhas têm quatro equipas a disputar os campeonatos do futebol juvenil e para preencher todos os plantéis não se pode ter só qualidades, tem que haver muita quantidade de jovens, mesmo assim, estes miúdos optaram pela alternativa ao futebol virem todos os dias de bicicleta para Fão praticar canoagem.

Um bom exemplo para os miúdos de Fão que por sinal não têm alternativa, para praticarem desporto na sua terra só no Clube Náutico e se tivermos em conta que a canoagem é uma modalidade muito sacrificante, todos os dias têm que treinar, o Verão é curto e o Inverno muito longo, terem de conciliar diariamente os estudos ou o trabalho com os treinos, é caso para dizer que só com muita força de vontade e espírito de sacrifício dos jovens *e que o Clube Náutico de Fão é uma grande colectividade desportiva, mas, que não pode agraciar os seus atletas com compensações financeiras como noutras modalidades.

Porque as suas despesas são enormes, para um jovem poder praticar este desporto, precisa de uma canoa e de uma pagaia. Só para isso, por muito barato, noutros tempos era preciso uma centena de contos, e, nas grandes deslocções, como para o Seixal, que só para transporte e alimentação dos miúdos foram gastos cerca de vinte contos, com mais nove contos para portagens, sem querermos entrar na política do não pagamos, essa de um clube desportivo puramente amador pagar tanto dinheiro em portagens é que não entendemos. Se estes clubes não são consideradas instituições públicas então quem é que é?

ÊXITO

Os jovens canoístas internacionais Miguel Pedras e José Santos, ambos campeões, conseguiram entrar na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Mais uma vez saíram campeões. Aquele abraço e uma pagaia.

A.S.

UNIÃO DE BANCOS

A Agência da União de Banos, sediada em Fão, passou a ter novo gerente. É o sr. Aníbal Augusto Lopes Palhau que assim substituiu António Alberto Reis Gonçalves que desde há uns anos dirigia este estabelecimento bancário.

Em conversa com o novo encarregado, soubemos que veio para ficar, pelo menos uma longa temporada, o que nos parece imprescindível para expansão da unidade que vai passar a gerir. É importante para Fão que o seu único banco progrida e se expande.

A vasta coleção de Dicionários Editora acaba de ser atualizada com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra inovadora para o nosso país. Uma obra inovadora utilizada lista em muitos setores utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria gramatical, como de especialidade. Enfatizada não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que esmentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA



O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4089 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 376/3007 COIMBRA, CODEX
BMP. L. RUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8/A/1200 LISBOA

UM DIAGNÓSTICO OPORTUNO

Em tempos dissemos que a existência de um hospital em Fão era uma comodidade para os seus habitantes. Não deixa porém de ser um hospital de província com as limitações que esse nome comporta. No entanto, às vezes, bate o pé aos hospitais com letra maiúscula e disso é exemplo o facto que vamos narrar.

Foi há coisa de três semanas. Um cunhado do actual Provedor dirigia-se no seu carro para Esposende. Era de noite. Ao chegar a Paredes sofreu grave acidente que deixou o carro todo desfeito. O condutor bastante maltratado, foi conduzido ao hospital de Fão por um espanhol que também seguia na estrada e se revelou de uma simpatia extrema.

O médico de serviço com a ajuda da técnica de radiologia verificou, através de um exame radiográfico, que o ferido apresentava fractura de uma vértebra cervical. O caso era grave e logo tratou de o enviar para um hospital do Porto. Dos grandes. O Provedor, avisado entretanto, tratou de recomendar o doente junto dos médicos da Urgência. Além do mais era um cunhado.

Passados tempos telefona do Porto a esposa do acidentado a dizer que afinal não havia fractura nenhuma e que o marido ia ter alta seguindo para o Hospital de Fão. O Provedor recebeu o recado, ficou contente como é fácil de perceber, e foi dizer ao médico e à radiologista que afinal não se confirmava o diagnóstico do Hospital de Fão.

«Bem, diz-lhe o médico 'fangueiro', que a mim pareceu fractura pareceu, e aqui à senhora radiologista, também, mas se do Porto dizem que não, tanto melhor».

O Provedor pôs-se a magicar: «este médico já tem muitos anos de prática, a radiologista tem feito diagnósticos sempre acertados. Que fazer?» Pelo sim, pelo não, foi de novo ao telefone, ligou para o referido hospital e mandou chamar o chefe de serviço das Urgências. Disse-lhe quem era, falou-lhe no doente que por sinal era seu cunhado, e lembrou-lhe o diagnóstico do médico de Fão que era para ele um clínico conceituado. «Não quererá rever as chapas ou mandar fazer novos exames?» «Eu vou rever o caso, esteja sossegado», rematou o chefe de serviços.

Os médicos do hospital do Porto voltam a examinar as chapas que foram levadas pelo doente, reexaminaram as radiografias tiradas lá, submetem o ferido a novos exames radiológicos e chegam a uma conclusão: fractura na cervical e ainda outra no sacro. O diagnóstico do médico do hospital de Fão estava correcto.

O leitor está ansioso por perguntar: «e quem foi o médico do hospital de Fão? Não interessa. Praticamente salvou uma vida. E isso foi o que interessou.

VALEU A PENA

*Valeu a pena a partida,
O raiar duma alvorada,
Esta aventura da vida,
Esta passagem na estrada,
Sem meta bem definida,
Este voar pela esfera,
Duma estrela luminosa,
O despontar duma rosa,
Numa linda Primavera,
Sob o olhar dum alto Céu?*

*Pois eu penso que valeu
Esta aventura da vida,
Se dessa vida ficou,
No final da caminhada,
Na hora da despedida,
Além de alguma poeira
E também de algum negrume,
Uma auréola doirada,
Uma brasa da fogueira;
Se dessa rosa ficou,
Só um pouco de perfume;
Se dessa estrela restou,
Somente um pouco de lume.*

DINIS DE VILARELHO

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

Optica Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.



• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

GABINETE DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA

MARCAÇÃO DE CONSULTAS DE:
OFTALMOLOGIA E OPTOMETRIA

Rua da Misericórdia, 4/6 — Tel. 7 57 77 • 4700 BRAGA

SOBRE UM BAILE QUE NÃO SE REALIZOU

Senhor Director:

No n.º 124, de 10 do corrente mês, do Jornal de que é Director, publica V.Exa um artigo, sob a égide de um intitulado «Movimento Cívico Fangueiro» — Boletim informativo n.º 5, que, não sendo assinado, julgo ser da responsabilidade de V.Exa, artigos em que, a par dum chorrilho de mentiras, são os dirigentes — entre os quais estou inserido — e os elementos do Corpo Activo da Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, considerados como um «BANDO DE MALFEITORES» e uma «CÁFILA DE SALTEADORES».

Sinto-me, como é lógico, e compreensível, ferido na minha honra e na minha dignidade de cidadão impoluto, pois, julgo, que não haverá alguém que me impute qualquer acto que justifique tais epítetos, pelo que venho intimar V.Exa para que, nas colunas do seu Jornal prove o contrário e, em caso negativo, se retracte e apresente as desculpas que tiver por convenientes, e sob pena de, não o fazendo, chamá-lo à «barra do Tribunal», conjuntamente com os mentores do tal «Movimento Cívico Fangueiro» que de civismo nada tem.

Espero que também não verá inconveniente, a título gracioso, publicar o arrazoado que junto.

Com os melhores cumprimentos, subscrevo-me,

Joaquim Hernâni Vinha Novais

QUEM NÃO SE SENTE...

Quem á a «corja» de cretinos e mal-intencionados que, arrogando-se mentores de um «MOVIMENTO CIVICO FANGUEIRO» — que ninguém conhece, sem existência legal e sem personalidade jurídica — publica no n.º 124, de 10 de Setembro em curso, no Jornal «O Novo Fangueiro», um boletim informativo n.º 5, em que, além de descerem ao insulto mais sórdido e soez, embora a boa educação apregoada, pretendem denegrir e desprestigiar, com um chorrilho de mentiras e insinuações, a Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, nas pessoas dos seus dirigentes e elementos do Corpo Activo — Associação, essa sim, bem conhecida e bem querida pelas gentes, quer de Fão quer de todo o concelho, e não só, pois tem sócios muito além dos limites deste.

Quem são esses cretinos e mal-intencionados que, resumbrando inveja e peçonha por quantos poros têm no corpo, se arvoram em paladinos da nossa TERRA — também é a minha — mas que não passam das palavras, vomitadas boca fora, ácidas e fétidas, que, até hoje, nada por ELA fizeram, que se saiba ou que se conheça? Que apareça o primeiro a provar que estou fora da razão!...

Sei, sim, que sendo elemento dos Corpos Gerentes da Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão, há 16 anos consecutivos, frequentando, por isso, diariamente, as suas instalações, nunca vi — uma vez que fosse — esses «papagaios palradores», embora sócios também, a comparecer nas Assembleias Gerais realizadas, onde os assuntos da Associação devem ser discutidos e resolvidos. E, por falar em Assembleias Gerais, não será esta campanha de difamação razão suficiente para a sua eliminação de sócios?

Até no dia do apregoado BAILE, segundo

consta — nesse dia estive fora de Fão, em visita a familiares — primaram os tais ditos difamadores pela sua ausência: um compareceu pelas 22.30 horas e o outro ainda mais tarde, quando a pouca gente que aparecera já tinha dispersado, aborrecida e desiludida pelo desinteresse daqueles seus promotores.

Desiludidos e bem aborrecidos se mostravam também, e com razão, os dirigentes da COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO, presentes desde a primeira hora, pela desconsideração de que estavam a ser objecto; se «falta de respeito» houve foi, como se vê, da parte dos mentores do «MOVIMENTO CIVICO FANGUEIRO», não só para quem apareceu e foi embora, a «chuchar no dedo», mas também, e muito especialmente, para com os dirigentes da «COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO», seus colaboradores na iniciativa.

Aliás, não esses mentores do «Movimento Cívico Fangueiro», mas sim os dirigentes da «Cooperativa Cultural de Fão», que contactaram com a Associação dos Bombeiros, para a cedência do respectivo Salão — logo posto à sua inteira disposição — os quais poderão testemunhar, se quiserem, se sim ou não foi cumprido quanto foi com eles combinado.

Se, como sócios da Associação dos Bombeiros, esses mentores do «Movimento Cívico Fangueiro» frequentassem as instalações da sua Associação, saberiam que a «porta das traceiras» é a PORTA NOBRE do edifício, sendo por ela que, a quando da inauguração, entrou o Senhor Ministro do Planeamento e Administração Local, que se dignou presidir às respectivas cerimónias, bem como todos os restantes convidados.

Classificam esses mentecaptos como BANDO DE MALFEITORES» e «CÁFILA DE SALTEADORES» os dirigentes e elementos do Corpo de Bombeiros dos Bombeiros de Fão, portanto, a minha pessoa, pois entre aqueles me encontro. Saberão eles quais os significados de tais epítetos? Naturalmente que não; são filhos de um período, em que o Português, a Língua Portuguesa, andava pelas «ruas da amargura». Isso, porém, não evita que me sinta bem ferido na minha honra e na minha dignidade.

Quero, exijo, por isso, que provem, nas colunas deste mesmo Jornal, que sou um «salteador» e um «malfeitor», ou que alguma vez o fui, sob pena, não o fazendo, de serem chamados à «barra» do Tribunal, para que lá o façam, sofrendo a correspondente penalidade, por difamação, em caso negativo, bem como me paguem a indemnização que me for devida, por danos morais sofridos.

Fão, 20 de Setembro de 1994

O OFENDIDO,

Joaquim Hernâni Vinha Novais

A NOSSA RESPOSTA

Na verdade este jornal no seu número 124 de 10 de Setembro publicou um artigo que é da responsabilidade do intitulado Movimento Cívico Fangueiro cujos representantes foram mencionados no Boletim n.º 0, inserto em O Novo Fangueiro.

Não há, portanto, razões para que o nosso prezado assinante Joaquim Novais alegue

desconhecer a paternidade do referido texto, imputando-nos possível responsabilidade, tanto mais que a certo passo da sua resposta diz textualmente: «No dia do apregoado baile... primaram os tais ditos difamadores pela sua ausência: um compareceu pelas 22.30 horas e o outro ainda mais tarde...». Informamos também que não tivemos prévio conhecimento do conteúdo do referido artigo, pois o mesmo foi entregue na Tipografia o que acontece com alguns dos nossos colaboradores, nomeadamente com o Quim de Fão e com João Pedras. É uma questão de comodidade para eles e para nós, isto porque a Tipografia está na Póvoa e nós residimos quer em Fão quer no Porto, como é sabido.

Quanto ao Bando de malfetores e Cáfila de salteadores o Boletim enfatizou sobretudo à afirmação de que certos directores teriam utilizado os seus métodos. As palavras adquirem o seu significado exacto em consonância com o contexto onde vem inseridos. De resto Joaquim Novais interroga-se sobre os autores do texto terão conhecimento do significado de tais epítetos e responde: «Naturalmente que não. São filhos de um período em que o Português, a Língua Portuguesa, andava pelas ruas da amargura». Portanto, se o dedicado Secretário da Associação dos Bombeiros tem a certeza que os autores do Boletim não sabem o significado de tais palavras, obviamente não deve nem pode sentir-se ferido na sua honra e na sua dignidade.

Acresce que todos fangueiros, todos sem excepção, nutrem pela Associação dos Voluntários grande admiração e carinho.

FUNDAÇÃO PROF. PIO RODRIGUES

A Fundação Prof. Pio Rodrigues ainda não está oficialmente constituída mas já funciona. Distribui prémios escolares com os do capital existente.

Actualmente está a subsidiar um jovem fangueiro para que consiga prosseguir nos ESTUDOS. Trata-se do nosso colaborador José Maria Machado do Vale. É um moço que, como já temos referido, tem feito pesquisas preciosas tanto no arquivo do Hospital como no arquivo da Junta. É um crime que este jovem ajudante de pedreiro, não avance nos estudos por falta de dinheiro. A Fundação Prof. Pio Rodrigues não dispõe ainda de verba suficiente para ajudar nos estudos seja quem for. Assim resolveu-se bater à porta de meia dúzia de pessoas, antigos alunos do Prof. Pio, ou amigos de Fão, que se comprometeram a dar 2.000\$00 escudos por mês. O Zé Maria está actualmente a receber 10.000\$00 mensais. O número da conta na União de Bancos de Fão é 00070900016. Se alguém mais quiser contribuir, tanto melhor. Pode enviar para esta conta a quantia que quiser. Terá as suas compensações. Por um lado, a alegria de ajudar alguém a tirar um curso. Ele pretende tirar História. Mais tarde, ao ser julgado no tribunal da eternidade, lembrará a S. Pedro ou a quem o substituir: «Olhe que eu ajudei um moço de Fão a tirar um curso». Então um grande desconto dos seus pecados lhe será feito.